

FACTOS DE SINTAXE HISTÓRICA

María Francisca XAVIER
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - UML

RESUMO

Uma importante evolução sintáctica do inglês afasta a gramática desta língua das restantes línguas germânicas. A ordem básica do inglês antigo - SOV, e ainda hoje das outras línguas descendentes do Germânico, passa a ser SV0 em inglês moderno. Idêntico fenómeno verifica-se também na evolução do latim para as línguas românicas em geral.

A perda quase completa das flexões casuais está intimamente relacionada com a alteração da ordem de constituintes na frase, com o alargamento do uso das preposições e com o desenvolvimento das formas verbais perifrásticas.

Dados exemplificativos de sintaxe diacrónica podem ser explicados por Princípios gerais da Gramática, como, por exemplo, a Regência e o Caso Abstracto.

Uma teoria linguística válida contribui, de um modo natural, para um melhor entendimento da evolução e variação das línguas.

A partir de factos linguísticos históricos conhecidos procuro este trabalho levantar hipóteses, apoiadas nas Teorias da Regência, do Caso e da \bar{X} , que expliquem a evolução sintáctica, semelhante, do inglês e do português, a partir de línguas estruturalmente idênticas, o germânico e o latim, respectivamente.

Baseando-me na filosofia da Linguística Histórica actual, tecerei ainda algumas considerações sobre o carácter excepcional da evolução do inglês no quadro das línguas germânicas.

Tanto o germânico falado pelas tribos que invadiram a Grã Bretanha e nela se fixaram no século V, como o latim dos romanos que foram chegando à Península Ibérica desde o século II a.C. até ao século V, eram línguas sintacticamente diferentes do inglês e do português de hoje. Embora nem as tribos germânicas falassem todas o mesmo dialecto, nem os romanos utilizassem um latim sem variações, a gramática destas línguas era naturalmente comum no essencial, aos vários dialectos e eram também em número significativo as propriedades partilhadas por estes dois ramos descendentes do indo-europeu. Eram, em ambos os casos, línguas muito mais flexionadas do que agora são o inglês e o português. Apresentavam uma ordem de constituintes na F(rase) diferente da actual. O uso de preposições era reduzido e o sistema de auxiliarização era muito simples ou praticamente inexistente (cf. para o inglês antigo Bright's 1891 edição revista e para o latim ibérico Williams 1938).

Considera-se, em geral, que a ordem básica dos constituintes do inglês antigo e do latim falado na Península era S(ujeito) O(bjecto) V(erbo) AU(xiliar) e que terá evoluído para S AUX V O, ordem que apresentam actualmente o inglês e o português.

A categoria AUX, que inclui a Flex(ão) (cf. Teoria da Regência e da Ligaçao de Chomsky (1981)), é aqui considerada uma categoria sintáctica universal. Contém elementos com informação de

Ac(ordo), T(empo verbal), M(odalidade) e Asp(ecto) e ocupa, nas línguas conhecidas, a primeira, segunda ou última posição da estrutura frásica (cf. Steele et alii 1981).

No início da história destas duas línguas, AUX realizava-se normalmente como um sufixo flexional do verbo lexical e encontrava-se na última posição da frase. Como prova disto temos o facto de, em frases com verbo auxiliar (raramente mais do que um), este ocupar a posição final da frase, para o que se tentará dar uma explicação mais adiante.

Exemplos:

(1) (i) em inglês antigo

After paem pe he hie oferwunnen haefde,...

(After that that he them overcome had = After he had overcome them,...)

(in Traugott 1972, p. 108)

(ii) em latim ibérico

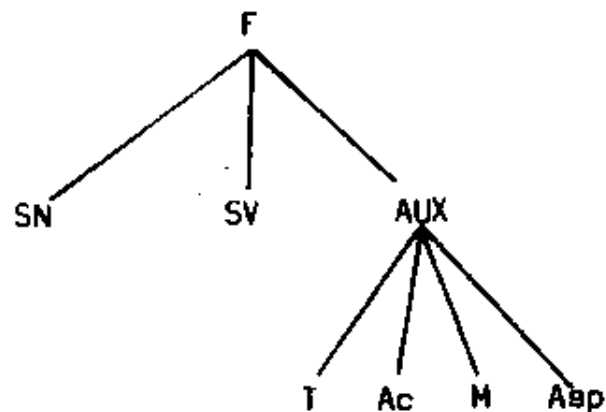
..., sicut scriptum est,...

(..., assim escrito está = assim está escrito,...)

(in Peregrinatio Echerias ad Loga Sancta, s. IV)

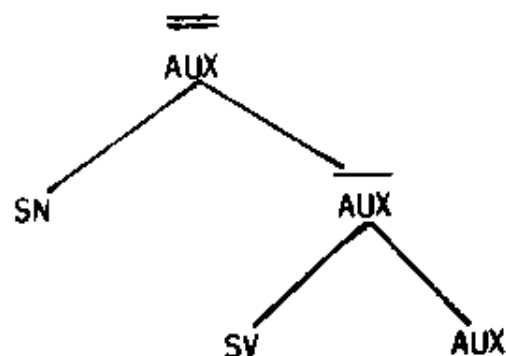
Observe-se então a estrutura seguinte que se propõe como uma estrutura de constituintes imediatos da frase dos exemplos acima:

(2)



Os principais sintagmas, constituintes imediatos de F, são aqui apresentados numa simples sequência linear. Se, no entanto, se interpretar esta estrutura no sentido da Teoria da \bar{X} e considerando AUX/Flex como o núcleo de F, obtém-se o diagrama (3), em que o SN sujeito é o Especificador de AUX e o SV o seu complemento:

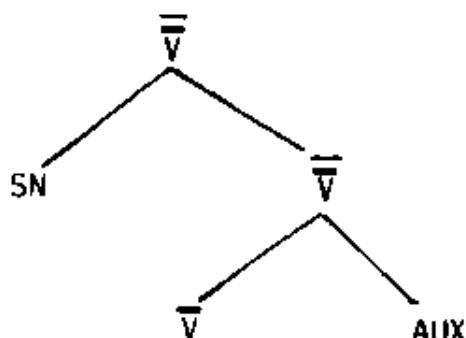
(3)



Pode, evidentemente, levantar-se o problema de saber como se decide se o núcleo de F é efectivamente AUX ou V no primeiro período da história destas duas línguas.

No caso de ser V o núcleo de F, ter-se-ia a estrutura (4), em que o SN sujeito se encontra numa posição de adjunção a SV:

(4)



Acontece que, na gramática de ambas as línguas dos primeiros períodos o núcleo lexical V regia e atribuía caso aos complementos à sua esquerda, como se pode ver nos exemplos seguintes em que este núcleo se encontra à direita dos seus complementos:

(5) (i) em inglês antigo

... hwa heo haefde

(... who it had = ... who had it)

(in Saxon Chronicles 1086)

(ii) em inglês médio

Nalde ha pane ronnes ne nenne luve runes leornin ne lustnen

(Not wuold she no songs neither no love poems learn nor listen, ... = She would neither learn nor listen to any songs or love poems, ...)

(in St. Katherine, s. XIII).

(iii) em latim ibérico

..., tantum hispatii habentes, quantum memoriae solent habere.

(..., tando de espaço tendo, quanto memórias costumam ter = tendo tanto espaço, quanto costumam ter memórias.)

(in Peregrinatio Echerias Loga Sancta, s. IV)

(iv) em romance ibérico

vestidos dõrma e cõtos ou de cordas, e cuitelhos ao lado nõ agã, ...

(in Regra de São Bento, Cap. 40 s. XIII)

Ora em (4), onde se considera V o núcleo de F, AUX surge como um complemento à direita de V. No entanto, AUX era então um elemento proeminente, com informação de Tempo verbal, Modo e Acordo com traços de pessoa e número. Segundo Chomsky (1981) uma Flex deste tipo é o núcleo de F, porque tem uma importância fundamental na sintaxe da frase, nomeadamente na relação do Ac com o SN sujeito, que desse modo é identificado como tendo caso nominativo, e na legitimação da existência de sujeitos nulos. Por outro lado, considerando também, como fazem Guéron e Hoekstra (1987), que o verbo auxiliar rege um complemento SV e que, como se viu nos exemplos (5), o sentido de Regência era à esquerda, parece dever adoptar-se a estrutura (3), em que AUX é o núcleo de F, como sendo de facto a correcta. AUX, na última posição de F, rege à esquerda o seu complemento SV.

A aparente liberdade da ordem dos constituintes da frase nos primeiros séculos da história do inglês e do português, e até ao momento em que estas línguas passam a ter a ordem básica S AUX V O, poderá provavelmente ser explicada de modo semelhante. A maior mobilidade dos constituintes em inglês até ao Período Moderno resulta do facto de as orações subordinadas apresentarem a ordem básica S O V AUX e as orações principais S AUX V O, esta última derivada por uma transformação que colocava o verbo flexionado na segunda posição da frase. Evidentemente que se encontram nos textos antigos outras ordens de constituintes mas, num esforço necessário de abstracção, é-se levado a concluir que estas seriam as ordens básicas e que as outras, menos regulares, seriam possivelmente re-

sultantes de transformações estilísticas, que têm lugar na componente forma fonética.

No século XVI, a referida regra de movimento de V para a segunda posição de F é eliminada da gramática do inglês e a ordem básica que se generaliza é:

(6) SN AUX SV

Contudo, nesta altura é ainda bastante frequente a sequência (7):

(7) S AUX O V

que já não se regista no século XVII. A mudança de ordem que se apresenta em (8) verifica-se a partir dessa época também nas orações subordinadas (cf. Steele et alii 1981):

(8) O V -----> V O

A nova ordem de constituintes S AUX V O fica então estabelecida em inglês.

Tem-se assim verificado na história das línguas conhecidas que apresentam evoluções sintácticas importantes, que a deslocação de AUX para a segunda posição da frase é responsável pela mudança de posição de V para junto de AUX e conseqüentemente pela nova ordem V O (cf. Hock 1982).

Numa perspectiva de sintaxe diacrónica, pode dizer-se que a categoria AUX, por um lado, se separa do Vlexical com a introdução de verbos auxiliares, que passam a conter as informações de AUX e, por outro lado, atrai V para junto de si provocando uma mudança do sentido de regência do núcleo verbal em relação aos seus complementos. O facto é que, seja a posição de objecto directo à esquerda ou à direita de V, este se encontra em condições de ser

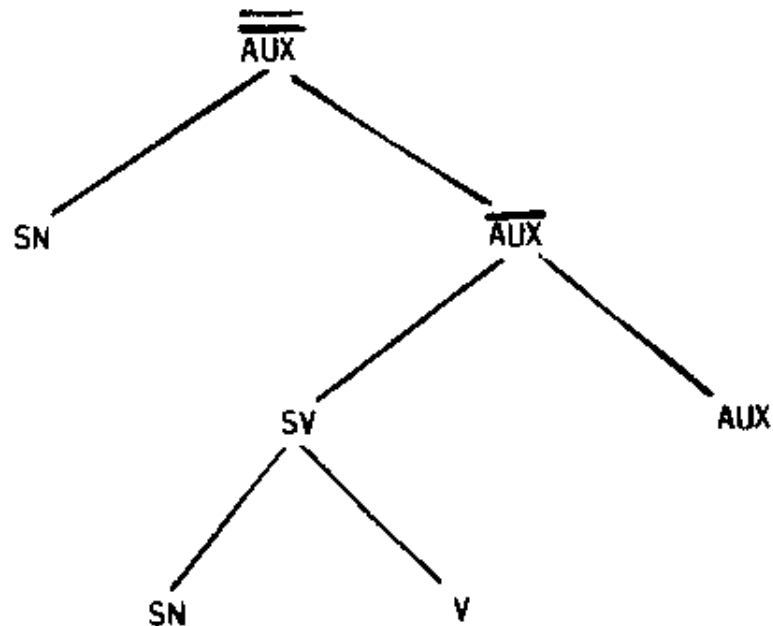
regido por V e de receber caso. Vejam-se os exemplos seguintes e as respectivas estruturas correspondentes à evolução da ordem de constituintes em inglês:

(9) (i) em inglês antigo

He hi fedaþ sceolde.

(He them feed should = He should feed them)

(in Williams 1975, p. 231)

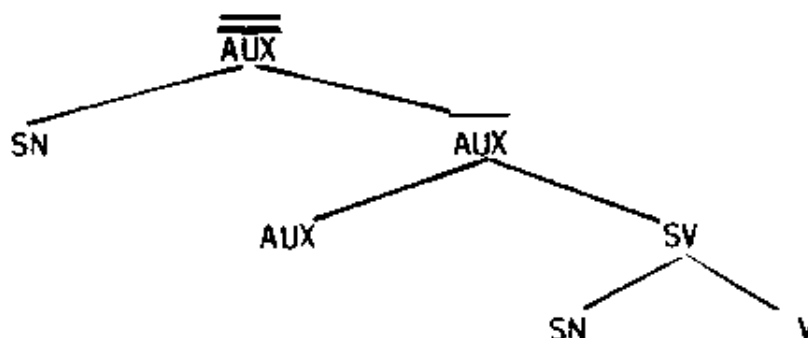


(ii) em inglês médio

..., pat we Soupperon men may pat langage unnepe undurstonde.

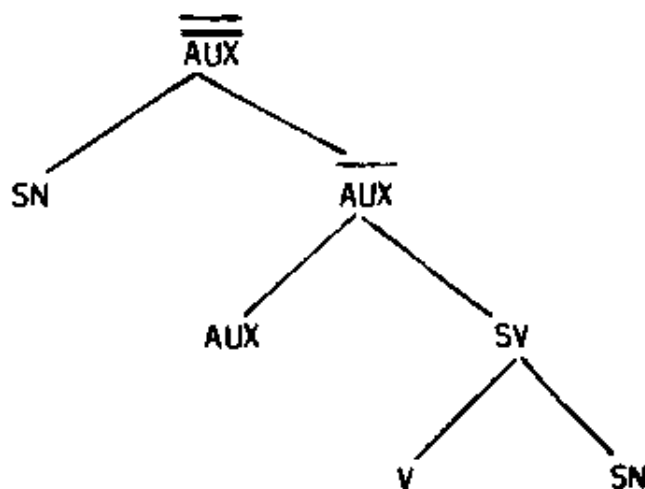
(..., that we Southern men may that language with difficulty understand = ..., that we Southern men may understand that language with difficulty.)

(ibid)



(iii) em inglês moderno

He should feed them



É curioso verificar que, em inglês, a deslocação da categoria AUX da última posição da frase para a segunda se verifica na altura em que se desenvolve a utilização de verbos auxiliares, em particular os modais e do. Pensa-se efectivamente que estes verbos ocupam a posição de AUX desde a estrutura-P (cf., por exemplo, Edmonds 1976 e Xavier 1985). É precisamente no século XVI que o uso do auxiliar do se generaliza de tal maneira que, falando com algum exagero, é claro, Williams (1975) pode dizer que este aparecia em quase todas as frases. É pois a utilização destes verbos como auxiliares que nos permite sustentar que a ordem de constituintes S AUX O V existiu no inglês médio antes da ordem que o inglês fixou desde então e apresenta actualmente: S AUX V O.

É ainda interessante verificar que directamente relacionado com o estabelecimento de uma única ordem de constituintes está o facto de na gramática destas línguas ter deixado de existir um sistema casual morfológico. No início da história do português e do inglês os verbos subcategorizavam os seus complementos com caso inerente, morfológicamente realizado, o que lhes permitia uma maior mobilidade estilística. Actualmente, em ambas as línguas, os SNs complementos têm caso abtracto, atribuído estruturalmente pelo verbo ou pela preposição. Agora os nomes já não apresentam flexão casual, com a excepção do caso possessivo em inglês. Com efeito o caso só é realizado morfológicamente nos pronomes, mas também estes estão sujeitos a uma certa adjacência aos núcleos que os regem (cf. Xavier 1987). O verbo rege o objecto directo que lhe está adjacente atribuindo-lhe caso. O objecto indirecto é normalmente regido por preposição.

Simultaneamente com o enfraquecimento do caso morfológico, verifica-se o aumento do uso das preposições. Estas vêm exactamente satisfazer a necessidade de todos os SNs lexicais terem caso, de acordo com o Filtro do Caso. De uma maneira geral os objectos indirectos não são directamente regidos pelo verbo, pelo que as preposições surgem a desempenhar esta função.

A verificação de evolução estrutural S O V AUX ----> S AUX V O na história das línguas portuguesa e inglesa, por um lado, e a comprovação de que na gramática destas línguas a regência dos núcleos em relação aos seus complementos se faz num determinado sen-

tido, por outro lado, tornou inevitável relacionar a mudança da ordem dos constituintes O V para V O com a deslocação da categoria AUX para a segunda posição da frase, isto é, para a esquerda de SV. A Regência, que inicialmente se fazia à esquerda, faz-se actualmente à direita em ambas as línguas.

— Estes factos estão perfeitamente de acordo com a Teoria da X e até com a generalização feita por Stowell (1981) de que umas línguas apresentam um certo sentido de regência e outras outro, ou uma regência direccional no sentido de Kayne (1983).

Mas como explicar então a ordem S AUX O V que se encontra na sintaxe diacrónica do inglês? Nesta sequência AUX rege SV à sua direita e V o O à sua esquerda.

A descrição do holandês feita por Koster (1987) demonstra que os núcleos não regem todos no mesmo sentido. Em holandês os nomes regem à direita e os verbos à esquerda. O holandês e o alemão são línguas S O V, como o inglês antigo, em que V rege as posições argumentais à sua esquerda. Vejam-se os seguintes exemplos do holandês (in Koster 1987, p. 122 e p. 242):

(10) (i) Ik denk dat hij Mary zag

(Eu penso que ele Maria viu = Penso que ele viu a Maria)

(ii) Ik denk dat Peter hem her boek gaf

(Eu penso que Pedro a ele o livro deu = Penso que o Pedro lhe deu o livro).

Alguns estudos realizados sobre o alemão e o holandês, por exemplo, que são línguas que apresentam propriedades semelhantes às referidas relativamente aos períodos mais antigos da história do português e do inglês, podem ajudar a compreender melhor certos factos históricos, como os que são referidos aqui.

Mais uma vez as generalizações feitas a partir apenas do inglês, e neste caso também do português, podem revelar-se inadequadas. Estas duas línguas apresentam de facto um sentido de regência uniforme. A explicação para a sequência S AUX O V poderia

ser a de esta ordem corresponder a um período instável, em que a evolução sintáctica era detectada em progresso. Contudo, no holandês actual encontra-se a mesma estrutura linear, exemplificada em (11).

(11) Hij heeft het boek gelezen

S AUX O V

(Ele tem o livro lido = Ele leu o livro)

O verbo auxiliar rege à direita o seu complemento SV e o verbo lexical rege à esquerda o seu complemento SN.

Esta possibilidade de coexistência, numa mesma língua, de diferentes sentidos de regência, conforme os núcleos, juntamente com algumas regras de movimento, explicam, segundo Koeter (1987), as várias ordens de constituintes do holandês.

Mas quererão estes factos dizer que o inglês se encaminha para uma língua do tipo S V O, com um único sentido de regência, tal como são agora o português e o holandês? Penso que esta não é uma hipótese a explorar, pois que muitas seriam as línguas que teriam de ser consideradas como estando em franco processo de evolução sintáctica já há vários séculos, o que não é pertinente para o estudo sincrónico.

O facto é que a evolução sintáctica do inglês o aproxima, em vários aspectos, do português e das línguas românicas em geral, afastando-o das suas origens e das outras línguas germânicas, como o alemão e o holandês, que têm ainda hoje uma sintaxe muito conservadora relativamente às propriedades referidas.

A Teoria da Regência e da Ligação da Gramática Generativa incorpora pois, princípios gerais capazes de descrever e explicar adequadamente as várias línguas naturais, em todos os momentos sincrónicos. E a linguística histórica, informada por esta teoria, revelará as sucessivas gramáticas que têm vindo a ser recriadas de geração em geração e que podem ter resultado semelhantes ou diferentes, ao longo dos séculos, conforme o caso e a necessidade (cf. Lightfoot 1980), mas sempre dentro dos limites estabelecidos pela gramática universal.

REFERÊNCIAS

1. Bright's (1891), *Old English grammar and reader*, N. Y., Holt, Rinehart and Winston, Inc. (Revista por Frederic G. Cassidy e Richard N. Ringler, 1971).
2. Chomsky, N. (1981), *Lectures on government and binding. The Pisa lectures*, Dordrecht, Foris, 1982.
3. Guéron, J., T. Hoekstra (1987) "Les chaînes-I et les verbes auxiliaires" (version préliminaire).
4. Hoch, Hans Henrich (1982), "Aux-cliticization as a motivation for word order change", *Studies in the Linguistic Sciences* 12 (1), pp. 91-101.
5. Kayne, R. (1983) "Connectedness", *Linguistic Inquiry* 14, pp. 223-249.
6. Koester, Jan (1987) *Domains and dynasties. The radical autonomy of syntax*. Dordrecht, Foris.
7. Lighfoot, David (1980), "Sur la reconstruction d'une proto-syntaxe", *Langages*, 60, pp. 109-121.
8. Steele et alii (1981), *An encyclopedia of AUX*, Cambridge, Mass., MIT Press. (Linguistic Inquiry Monograph 5).
9. Traugott, Elizabeth Closs (1972), *A history of English syntax. A transformational approach to the history of English sentence structure*, N. Y., Molt, Rinehart and Winston.
10. Williams, Edwin B. (1938) *From Latin to Portuguese. Historical Phonology and morphology of the Portuguese language*, 1962, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

-
11. Williams, Joseph M. (1975) *Origine of the English language. A social and linguistic history*, N. Y., The Free Press.
 12. Xavier, M. Francisca (1985), *AUX e Caso Abstracto no inglês. Para uma análise sintactica diacrónica*, Lisboa, Faculdade de Letras. (Dissertação de Mestrado).
 13. Xavier, M. Francisca (1987) "A gramática generativa - um modelo para a linguística histórica", in *Miscelânea de estudos dedicados a Irene Albuquerque*, Lisboa, Comissão Científica do Departamento de Estudos Anglo-Americanos da F.L.L., pp.165-173.